



## **O DAIME “DO OUTRO LADO DA LINHA EPISTEMOLÓGICA”: ENTREVISTA COM MARIA BETÂNIA ALBUQUERQUE**

### **The Daime “the other side of the epistemological line”: interview with Maria Betânia Albuquerque**

Diego Omar da Silveira<sup>1</sup>

Pasquale Bruce de Figueiredo<sup>2</sup>

Este diálogo – que transcrito pode parecer bastante formal – nasceu de um encontro rico e criativo que tivemos com a professora Maria Betânia Albuquerque durante uma tarde quente de verão amazônico em meio às atividades do X Encontro Regional Norte de História Oral, realizado na Universidade Federal do Amazonas (em Manaus) durante os dias 25 e 27 de outubro de 2017. Nosso interesse pelas religiões ayahuasqueiras era, então, crescente, tendo em vista que temos avançado nos últimos anos em nossas abordagens sobre a diversificação religiosa no médio-baixo Amazonas cada vez mais para um olhar sensível e cuidadoso na direção das tradições contra-hegemônicas.

Hávamos também organizado, há pouco, em Parintins, o I Simpósio Norte da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), com o tema “Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades” e nesse evento a professora da Universidade do Estado do Pará havia ministrado uma conferência sobre a epistemologia e os saberes da Ayahuasca, despertando o interesse para o tema dos estudiosos da religião presentes, mas também de vários de nossos alunos de graduação e pós-graduação – o que resulta da relativa dificuldade em acessar estudos sobre o Daime produzidos na Amazônia.

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com pós-doutoramento pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde também atuou como professor substituto do Departamento de Educação e Coordenador de projetos do Núcleo de Estudos da Religião. Professor assistente e coordenador do curso de História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Participa do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES) e da Rede de Pesquisa História e Catolicismo no mundo contemporâneo. E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduando em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: daynara\_souza@hotmail.com.



(CES-Portugal), a professora Maria Betânia nos pareceu a pesquisadora mais adequada para nos ajudar a traçar o panorama geral que buscávamos. Como fica claro durante a entrevista, ao seu trabalho de pesquisadora – coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia (GHEDA), vinculada à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd) e ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP) – ela tem somado a tarefa de trazer o Daime para o currículo do curso universitário de Ciências da Religião, onde atua como professora da disciplina Filosofia da Educação.

Sua perspectiva, bastante promissora, seja para os estudos da religião ou para o campo da educação, tem descentrado a lógica antropocêntrica que rege a maioria das pesquisas, sustentando que “determinados grupos humanos quando querem aprender alguma coisa, não consultam, necessariamente, ou exclusivamente, a escola, os livros, a televisão, a *internet* ou os professores em sua forma humana”. Para ela, “em vez disso, consultam fungos, cipós, raízes, cascas ou folhas, consumidos para fins festivos, políticos, religiosos ou de curas, servindo, portanto, como fontes de conhecimento para a vida prática ou futura” (2011, p. 26).

Os detalhes de como ela chegou a tais conclusões, bem como sobre as lacunas e as perspectivas das pesquisas sobre a Ayahuasca no Brasil e no exterior permeiam toda a nossa conversa, que transcorreu, vale acentuar, de maneira fluida e agradável.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Professora, nós gostaríamos de entender um pouco mais sobre como você chegou ao Daime como tema de pesquisa...

**Maria Betânia:** Eu conheci a religião do Santo Daime em São Paulo, por ocasião do meu doutorado. Antes disso eu já tinha tido, uma vez, a experiência de tomar o chá, na mata de Colares – dentro um ritual mais livre. Eu senti a força do chá, mas fiquei ali naquele barato, digamos, aproveitando uma sensação mais física, sem que operasse em mim alguma experiência de ordem religiosa, espiritual ou mística. Para mim, aquela experiência na mata de Colares foi importante no sentido que me permitiu conhecer a força da bebida, mas ela não significou algo para mim, do ponto de vista de um chamado espiritual mais profundo. Isso foi antes de eu ir para o doutorado.

Quando eu cheguei em São Paulo, para fazer meu doutorado na PUC [Pontifícia Universidade Católica] de São Paulo, eu fiquei hospedada na casa de um casal de amigos



que eram do Santo Daime. Eles disseram que iam me levar para conhecer o daime. Eu tinha contado [na ocasião] essa experiência de Colares, quando tomei a bebida pela primeira vez e eles se dispuseram a me levar para conhecer essa bebida em um outro contexto. Fomos para o Pico do Jaraguá, onde está localizado o Céu de Maria, uma igreja na época dirigida pelo cartunista Glauco Vilas-Boas. Após sua morte em 2010, a esposa dele, Beatriz Veniss, ficou na direção. Eu fui justamente em um trabalho de farda branca, trabalho desses de festa, que dura doze horas... e essa experiência foi impactante, porque aquela sensação de ver mais de cem pessoas fardadas, com um livrinho na mão, tudo organizado... a ordem, a beleza estética. Isso me chamou muito a atenção. Mas a minha conversão, digamos assim, a essa religião, nesse momento, eu diria que foi de ordem mais intelectual. Eu me senti uma antropóloga em campo. Eu encontrei um campo de estudo profundo: o sentido do ritual, o sentido intelectual daquilo tudo! Porque eu sou pedagoga de formação e estava fazendo um doutorado em educação, e aquele ritual criou um impacto de natureza cognitiva em mim, sobretudo, o fato de cantar os hinos que se referem ao Daime como professor. *O Daime é um professor, o mestre de todos os ensinamentos, o professor dos professores...* são inúmeros hinos que falam disso. Mas, que professor é esse que é uma planta, que se transforma numa bebida? Então, isso me causou um grande impacto... eu estar diante de um professor que era inusitado para mim, pois sendo do campo da Filosofia da Educação eu havia aprendido a partir da leitura de autores como Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire e autores da filosofia ocidental, que a educação é um ato exclusivamente humano. E de repente aquela ideia de um professor vegetal, do daime como professor me intrigou muito. E eu comecei a enveredar por esse caminho, de tentar entender que professor era esse. Mas, ao mesmo tempo, fazendo um doutorado num campo super clássico e tradicional. Eu estava fazendo uma tese sobre a história da Filosofia da Educação no Brasil. E eu não pensei, em nenhum momento, em mudar para estudar o daime. Eu pensei assim... não, deixa... eu vou fazer esse estudo do daime paralelo. E fui, então, ao longo do doutorado me aprofundando na vivência da religião do Santo Daime. Eu não faltei mais nos trabalhos... e, além deles, eu ia para a igreja também fora dos trabalhos espirituais. Porque como eu estava em São Paulo com bolsa de estudos, uma vida confortável, eu tinha bastante tempo. Nos finais de semana, então, eu ia para a igreja ajudar no que precisasse: varrer a igreja, limpar os santinhos, lavar o banheiro, molhar as plantas e com os ouvidos sempre atentos, ouvidos de antropóloga, escutando tudo. Também olhan-



do tudo, observando muito, participando das reuniões, sempre atenta, aprendendo as coisas que se falavam do Santo Daime. Lá era um lugar que recebia muitas pessoas do Mapiá<sup>3</sup> – a meca do Daime na floresta, na linha do padrinho Sebastião – e eu tinha, então, a possibilidade de conhecer essas pessoas, de ouvir delas algumas coisas que eu fui acumulando, digamos assim, durante três anos. Uma experiência empírica, de trabalho de campo, ali, tomando e aprendendo com aquele professor-planta. E, ao mesmo tempo, fui guardando esse saber porque eu não podia pensar em mudar meu foco de estudo. Eu tinha que defender aquela tese que já não significava mais tanto para mim. Tanto é que depois que concluí meu doutorado eu mudei de campo, mudei de rumo. Saí do campo mais clássico da Filosofia da Educação e passei a vivenciar e a me interessar pelo campo da cultura amazônica. Porque desde então eu passei a me ver como uma pessoa completamente ignorante em cultura amazônica. Terminada a tese eu voltei para Belém, já que estava de licença da Universidade para fazer o doutorado em São Paulo e, para minha surpresa, a UEPA [Universidade do Estado do Amazonas] me alocou dentro do curso de Ciências da Religião, um curso que tinha acabado de ser criado e no qual havia a disciplina Filosofia da Educação. Eu comecei, então, a me inteirar do currículo do curso nas reuniões de professores e me deparei com a realidade de que as religiões da Ayahuasca eram totalmente silenciadas, não estavam no currículo... as pessoas não conheciam, e ainda hoje há essa lacuna, uma grande ignorância sobre elas. Eu disse então [para mim mesma]: vou ter que começar a falar disso. Ao mesmo tempo ingressei, já doutora, no Mestrado em Educação que a UEPA estava criando. Adentrei em uma linha de pesquisa chamada Saberes Culturais e Educação na Amazônia e fiquei empolgada. Éramos poucos doutores em Educação na Amazônia e a gente estava propondo um curso de pós-graduação com uma linha em saberes culturais locais. Fiquei perplexa comigo mesma quando constatei que eu pouco sabia da cultura amazônica depois de anos morando na Amazônia. Mas, de fato, eu não sabia, não compreendia essa cultura, não entendia direito. Muitas coisas eram desconhecidas para mim. Foi então que eu migrei da Filosofia para o campo da cultura local, do saber local, dos estudos antropológicos que também não eram meu forte. Antropologia, infelizmente, é um elemento ausente na Pedagogia. O que é um absurdo, uma falta muito

---

<sup>3</sup> Vila Céu do Mapiá, fundada por Sebastião Mota de Melo, mais conhecido como padrinho Sebastião, e outras famílias, em 1993. Está localizada na Floresta Nacional do Purus, próxima a divisa do estado do Amazonas com o Acre. Mais informações em «<http://www.santodaime.org>».



sentida, porque a educação não pode ser pensada apenas como educação escolar, ela também é essa educação do cotidiano, da oralidade, da experiência... e um diálogo com a Antropologia ajudaria muito a sensibilizar os educadores para esses diversos sentidos, além da educação escolar. Então eu me dei conta de que tudo isso tinha ficado ausente da minha formação.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** E aí para aprender sobre a Amazônia teve que desaperceber um pouco da filosofia ocidental.

**Maria Betânia:** Eu simplesmente passei a não frequentar mais os grupos de Filosofia. Eu era engajada, uma intelectual militante no campo da Filosofia da Educação. Tenho publicações na Filosofia da Educação: um livro, alguns artigos, o mestrado em Filosofia da Educação e doutorado na mesma área. Mas eu comecei a ver que não tinha mais sentido eu estar ali apenas na filosofia ocidental, porque eu não sabia nada das filosofias indígenas por exemplo, dessas outras ontologias. Porque a Ayahuasca está enraizada em uma outra epistemologia que não é essa Ocidental, mas cujo fundamento eu não compreendia já que eu não sabia nada das filosofias indígenas e suas cosmologias, não tinha sequer noção disso. De modo geral, nós desconhecemos esse universo indígena que está em nós e que permeia a nossa cultura. Então, eu comecei a olhar para esse outro campo do saber.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** É então que você descobre autores pós-coloniais, a perspectiva epistemológica do Boaventura? Como se deu o seu contato com essa linha?

**Maria Betânia:** Não. Demorei muito para conhecer. Primeiramente, chegando em Belém, depois do doutorado, eu ingressei nas igrejas locais do Daime. Fui participando dos rituais que já existiam... Quando eu saí de São Paulo o Glauco deu de presente para nós uma garrafa de Daime – para mim e para o Edson Xavier, meu marido. Ele falou assim: “olha, levem essa garrafa aqui, porque eu não sei como é que vai ser a situação de vocês em Belém. Não sei se vocês vão se adaptar... qualquer coisa tá aqui o Daime”. Mas a gente achou por bem guardar a garrafa e se engajar no batalhão existente, nas igrejas que já estavam formadas. Mas o Glauco foi profético naquilo que falou. A gente não se adaptou muito bem, porque era muito diferente do que a gente tinha aprendido em São Paulo. Havia uma falta de informação sobre as coisas da doutrina, das normas de ritual, do Mestre, padrinhos e madrinhas. E foi aí que nasceu meu primeiro livro, diante da necessidade de



informações tanto por parte dos grupos religiosos locais quanto em relação ao curso de Ciências da Religião em que eu trabalhava. Daí a ideia de escrever esse livro que é o *ABC do Santo Daime* (2007) com informações básicas e introdutórias sobre essa religião. Mas, então, depois do doutorado eu levei ainda um tempo para fazer o pós-doutorado, e foi só no pós-doutorado que eu comecei a me interessar por essas questões pós-coloniais. No intervalo do doutorado para o pós-doutorado eu já estava falando do Daime nas palestras, nos eventos... eu já falava desse professor vegetal. Mas eu não tinha uma teoria que me ajudasse a compreender esse fenômeno porque o meu pensamento foi todo ele marcado pela filosofia ocidental. Eu falava nas palestras atrevidamente, mas sem o devido embasamento teórico. Até que uma colega (professora Sônia Araújo da UFPA), que estava em Portugal fazendo pós-doutorado com o Boaventura [Sousa Santos], me passou uma mensagem dizendo que meu pensamento era *pós-abissal*. Eu disse: “pronto, danou-se!” [risos]. O que é isso? – indaguei dela. E foi então que ela me mandou o texto “Para além do pensamento abissal” do Boaventura de Sousa Santos,<sup>4</sup> que está no livro *Epistemologias do Sul*. Esse texto foi um achado para mim. Depois que o li passei a entender melhor o que eu já falava, o que eu já intuía, mas que me faltava como substrato teórico para pensar o assunto. Realmente o Daime está localizado no “outro lado da linha epistemológica”, porque se trata de um saber indígena que é desqualificado, subalternizado por essa linha abissal instituída pela Modernidade. Eu fui então compreendendo o que é esse pensamento Ocidental, como ele cria as dicotomias, esses abismos profundos que situam o pensamento do outro na subalternidade, como o lixo da história. E então eu mergulhei nesse novo campo. Aproveitando minha ida ao Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, em Portugal, fui atrás do Boaventura. Como, naquela ocasião, aconteceria uma defesa de tese que tinha o Boaventura como presidente da banca, fui assistir a defesa com intuito de me aproximar dele. Quando acabou a defesa eu me apresentei a ele e falei rapidamente que estava estudando uma bebida feita de plantas da Amazônia que é tida pelos adeptos como professora (a Ayahuasca). Ele falou: “eu conheço o *yage* [outro nome da ayahuasca). Tomei na Colômbia”. E eu perguntei: o que o senhor acha dessa ideia de um Professor-Vegetal? “Muito interessante”, ele respondeu. “Formaliza a solicitação, faz uma carta e me envia, coloca lá a tua intenção de pesquisa...”. De volta ao Brasil, imediatamente eu

---

<sup>4</sup> O texto também está disponível na revista *Novos Estudos CEBRAP* (São Paulo: CEBRAP), n. 79, setembro de 2007.



fiz o que ele havia recomendado. Mandei a Carta que foi aprovada por ele. Foi assim que passei a enveredar pela leitura dos textos do Boaventura, seguindo os passos dele. Do [Walter] Mignolo<sup>5</sup> também. De outras epistemologias e dos estudos pós-coloniais. Desde então meu campo é esse. Ainda sou professora de Filosofia da Educação no curso de Ciências da Religião da UEPA, mas eu criei, por exemplo, nas minhas disciplinas, uma unidade chamada religião e educação, na qual eu posso falar, por exemplo, da educação que acontece no Tambor de Mina, na Pajelança, no Santo Daime... e dos fundamentos filosóficos que perpassam essas práticas, vistas como educativas. Tenho trabalhado no sentido de fortalecer o campo de debates acerca das religiões como educação posto que, tal como nas instituições escolares, no interior das religiões os sujeitos também se formam e constroem suas identidades.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Queríamos que você falasse um pouquinho de uma questão pouco abordada que é a educação no Daime, mais especificamente a educação das crianças no Daime. Porque a gente começa a assistir agora ao crescimento das pesquisas sobre os terreiros como lugares educativos para as crianças. Elas estavam ausentes dos panoramas de estudos. Por exemplo, quando se falava do estudo da Umbanda ou do Candomblé se falava maciçamente dos adultos, e não das crianças. Agora elas entraram em pauta. No Daime também estão em pauta ou ainda faltam estudos nesse campo? Seria interessante que você desse uma visão geral dos estudos sobre esse tema. Como é a educação da criança no Daime? Desde criança se toma Daime?

**Maria Betânia:** Olha, não é possível falar de um panorama dos estudos porque esses estudos ainda são muito raros. Eu estava até com uma esperança em uma aluna que está fazendo agora seleção [para o programa de pós-graduação], de ela abraçar essa causa que é estudar crianças que tomam Daime. Mas eu já soube que ela mudou de perspectiva. Eu tenho interesse em estudar esse tema porque tenho uma hipótese, não verificada, de que as crianças que tomam Daime desenvolvem um tipo de inteligência especial. Uma inteligência ambiental, uma inteligência existencial, uma capacidade de se colocar, de entender melhor o mundo, de refletir... a criança vê um lixo e recolhe aquele lixo; ela desenvolve uma educação estética, uma sensibilidade para o canto, para tocar os instrumentos desde

---

<sup>5</sup> Argentino, professor da Duke University (Estados Unidos), onde coordena o Centro de Estudos Globais e Humanidades. É uma das principais referências dos estudos pós-coloniais/decoloniais.



muito cedo... A legislação permite que as crianças tomem Daime desde que acompanhadas pelos pais. Também a dose das crianças é regulada: você dá uma gotinha, depois uma colherzinha e conforme ela vai se desenvolvendo isso vai mudando. Meu filho mesmo tomou Daime desde o ventre! Já existem alguns estudos sobre parto com o Daime, porque ele também ajuda a expulsar a criança, assim como também ajuda a acalmar, se for o caso. Se não é a hora ainda, toma um Daime! Nesse campo já existem alguns poucos trabalhos, mas sobre as crianças ainda são raros. E eu tenho essa hipótese de que elas têm uma inteligência a mais, que é também musical, que é de compreender melhor o mundo, a natureza, especialmente o amor pela natureza, pelos animais, pela terra, pela floresta. Faltam essas pesquisas porque as crianças estão lá: os pais vão para igreja e levam seus filhos e logo elas estão tocando e cantando. As vezes, nunca foram em uma escola de música ou de canto, mas desenvolvem essas habilidades e outras mais. Precisamos fazer pesquisas para confirmar isso, porque são coisas que eu vejo no meu dia-a-dia: aquelas crianças firmadinhas tocando maracá, cantando hino... é interessante de a gente acompanhar. Até o desenvolvimento delas, quando elas chegam criancinhas e o que elas vão se tornando ao longo da progressão na doutrina. Eu não conheço nenhum estudo nesse sentido. É ainda uma lacuna as pesquisas envolvendo crianças que tomam Daime. E ela demanda interdisciplinaridade, pois precisaremos nos aliar, talvez, à psicologia para compreender essas múltiplas aprendizagens de que eu estou falando.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Uma outra questão que nos parece bastante importante é o papel dos estudiosos do Daime hoje. Nós sabemos que os estudos acadêmicos, universitários, são bastantes sistemáticos, mas que penetram pouco na sociedade, dialogam pouco com públicos mais amplos. Por outro lado, os trabalhos jornalísticos, de divulgação científica tendem a ser sempre um pouco sensacionalista e nós imaginamos que o Daime tenha sofrido bastante com isso. Porque, muitas vezes, esse carregamento nas cores, na construção narrativa dos jornalistas, aumentou mais do que desfez os estigmas contra o Santo Daime. Como é que você pensa isso? Em que pé estão os estudos do Daime e para onde caminhar? Qual que é a tarefa desses estudos, no sentido de desmistificar esse olhar preconceituoso?

**Maria Betânia:** O olhar preconceituoso sempre existiu, desde que o Santo Daime foi fundado como religião. O mestre Irineu passou por várias perseguições, o padrinho Sebastião





também. Os praticantes do Santo Daime se sentem sempre pisando em ovos, tendo que se justificar perante a sociedade, que não consegue imaginar como tomando uma bebida como o daime o sujeito possa se conectar com o divino. Há uma grande dificuldade em entender que ingerindo um psicoativo você possa encontrar Deus, Jesus, encontrar a si mesmo. Em geral, porque há um pensamento hegemônico de que todo psicoativo é uma “droga”. Logo, o Daime passa a ser uma reunião de drogados. Essa é uma ignorância que ainda subsiste e que está disseminada na sociedade. Cabe às pesquisas justamente mostrar que não é bem assim, questionando inclusive o conceito de “droga” e mostrando que, por certas chaves de leitura, o café também pode ser uma droga, assim como o açúcar, o chocolate... tudo o que você usa desgovernadamente pode se converter em droga. É esse o trabalho dos intelectuais, que ainda são poucos no Norte do Brasil. A intelectualidade que trata do Santo Daime já é significativa no eixo Sudeste-Sul e até mesmo fora do Brasil. Mas, por incrível que pareça, a Amazônia ainda conhece pouco a Ayahuasca. Do ponto de vista do saber acadêmico, no Amazonas e Acre, por exemplo, ainda há pouca produção teórica sobre o tema. Isso é o avesso do ponto de vista da prática religiosa, já que existem em Rio Branco inúmeras igrejas que tomam daime (Ayahuasca), nas diferentes linhas ayahuasqueiras. Em Manaus também. Mas os estudos universitários não partem da intelectualidade acreana, amazonense ou mesmo paraense. Se você procurar pelos intelectuais que estudam essa bebida você conta nos dedos os que são da Amazônia, o que faz com que o Santo Daime ainda seja pouco investigado como objeto de estudos nos TCC [Trabalho de Conclusão de Curso], nas dissertações ou teses. Além disso, as religiões da Ayahuasca também não estão nos currículos, nem mesmo no curso de Ciências da Religião da UEPA, onde atuo. Mais recentemente, em uma reformulação curricular que ainda não foi implementada totalmente, criamos uma disciplina voltada para as tradições religiosas indígenas e aí acho que será possível entrar no xamanismo ayahuasqueiro. Mas, ressalto, a disciplina ainda não foi dada e uma das poucas pessoas que tem falado do Santo Daime na Universidade do Estado, em Belém, sou eu. Ainda assim, partindo de um lugar muito específico que é o da Filosofia da Educação, no qual eu inseri a unidade “religião e educação” nas minhas aulas. Mas quando muda o professor também já se altera o tratamento da temática, sem que possamos garantir sequer que ela será ministrada. Resumindo, o lugar que essas religiões ocupam no cenário acadêmico amazônico é ainda subalternizado, em face às demais religiões. E isso precisa mudar porque é na universidade que você



desconstrói os preconceitos, falando nos eventos, nos congressos, escrevendo artigos e livros, formando opiniões mais elaboradas. Mas, atualmente, ainda são poucas as contribuições nesse sentido.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Você falou um pouco do processo de formação das religiões ayahuasqueiras. Hoje existem basicamente três tradições da Ayahuasca: a Barquinha, o Santo Daime e a União do Vegetal (UDV), certo?.

**Maria Betânia:** Sim, são essas as grandes linhas. Mas dentro de cada uma delas existem subdivisões. No Santo Daime você tem a linha do mestre Irineu, a linha do padrinho Sebastião – que é mais expansionista e permitiu que o Daime saísse de Rio Branco para outros Estados do Brasil e, a partir disso, já com o filho do padrinho Sebastião – Alfredo Gregório de Melo, o Daime pôde ir para o exterior. Hoje ele está em vários lugares do mundo: em Israel, no Japão, no Havaí e em vários lugares da Europa, como Holanda, Bélgica, Espanha, etc. Mas tem também uma terceira linha que é a linha do seu Luiz Mendes que faz uma espécie de bricolagem entre as duas anteriores.<sup>6</sup> Eu já fui em um trabalho do seu Luís Mendes e havia, na ocasião, a presença de indígenas que também trouxeram a sua cantoria para o ritual, fazendo uma rica interculturalidade.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** E a Barquinha e UDV? Quais são as principais diferenças? As características de uma e outra?

**Maria Betânia:** Na UDV eles chamam a bebida de vegetal e as formas de preparo têm as suas especificidades. Mas eu acredito que a maior diferença entre essas linhas é o fato de que, por exemplo, a Barquinha incorpora muitos mais elementos da tradição africana, afroindígenas na verdade. Isso é muito forte dentro da Barquinha, sobretudo a da D. Chica Gabriel que pude conhecer. No interior dessa igreja você vai encontrar o canto dos salmos, mas logo ao lado há um terreiro de chão batido, onde é possível se consultar com entidades, caboclos, pretos-velhos. Na Barquinha também tem as giras, giras de umbanda. Das três ela é, portanto, a que mais dialoga com essa vertente afroindígena. Já em um trabalho da UDV as pessoas ficam sentadas, em um esforço de concentração. Às vezes há o canto – que eles denominam de Chamadas. Mas tem também músicas mecânicas. Liga-

---

<sup>6</sup> Para mais informações, ver: «<http://www.luizmendes.org>».



se uma canção que conduza a uma dimensão espiritual – do tipo Roberto Carlos, como por exemplo, a música “Jesus Cristo”. Toma-se o vegetal e nessa quietude mental, conduzida pelas músicas previamente selecionadas, se expande a percepção do mundo e da vida. Há outros grupos que, por sua vez, mesclam rituais da UDV com os do Santo Daime, num processo de unificação. Diferentemente da UDV, no Santo Daime não tem música mecânica. O ritual é todo cantado e os hinos são o que há de mais importante no ritual. Acredita-se que eles são recebidos do astral superior, em um processo mediúnico. Logo, o Santo Daime se caracteriza pelo canto... e pelo bailado também. Tem os trabalhos em que os participantes ficam sentados, mas o bailado também faz parte dos rituais da religião.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Isso dá uma especificidade para a doutrina? Seria uma espécie de doutrina cantada?

**Maria Betânia:** Doutrina cantada! Isso, no ritual do Santo Daime não costuma ter ninguém falando, pregando, discutindo um trecho da Bíblia, ou estabelecendo diálogo com o público presente. Eventualmente, o dirigente da igreja ou pessoa autorizada pode fazer uma leitura edificante, por exemplo, de uma passagem do *Evangelho segundo Sebastião Mota*.<sup>7</sup> Eu soube de igrejas que leem em trabalho de Concentração do daime o livrinho *Máximas do padrinho*.<sup>8</sup> Mas, não momentos pontuais. Para além das palavras e dos livros, é o canto, parte essencial dessa educação estética, que traz as mensagens a serem apreendidas na sessão. Isso, para aqueles que prestaram *atenção*, sendo esta outra característica do processo educativo mediado pelo daime. Trata-se, assim, de uma pedagogia do silêncio e da atenção<sup>9</sup> de traços orais a partir do canto e acompanhado de diversos instrumentos musicais, conforme as igrejas. Nos hinos, está o cerne da educação, seu conteúdo por excelência. Isso difere, a meu ver, da UDV, em que há um sistema pedagógico de perguntas e respostas em que a pessoa toma a bebida, caso sinta alguma dúvida, pode levantar a mão e perguntar... e o mestre explica. Na União do Vegetal há, portanto, outra sistemática, que, por sua vez, também é diferente da Barquinha, que inclui nos rituais elementos tão

<sup>7</sup> Cf. ALVERGA, Aléx Polari. *O Evangelho segundo Sebastião Mota de Melo*. Boca do Acre: Cefluris Editorial, 1998.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. *Padrinho Sebastião: Máximas de um filósofo da floresta*. Belém: EDUEPA, 2009.

<sup>9</sup> Referência aos estudos de Tim Ingold sobre educação da atenção.



diversos entre si, como os salmos e as giras – com uma pegada marcante das religiões de matriz africana. De qualquer forma, é importante ressaltar que as três são diferentes entre si e que em todas há esse elemento comum do xamanismo que é a bebida, um traço da tradição xamânica indígena que as unifica em suas diversidades. No Santo Daime, há os hinos ao sol, à lua, às estrelas. Assim como elementos do Catolicismo, pois entram Jesus, Maria e José, mas igualmente muitos santos do panteão católico, que por sua vez se misturam com Iemanjá, Ogum, Oxum – entidades das religiões afrobrasileiras. Há ainda elementos do esoterismo europeu. O próprio mestre Irineu, fundador do Daime, era filiado ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento da qual recebia boletins, o que fez com que ele tivesse essa influência. Em síntese, todas as três grandes religiões da Aya-huasca são híbridas e, de todas, a Barquinha é onde, a meu ver, isso parece bem acentuado.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Entrando um pouquinho na questão da linguagem, você esteve na Europa, entrevistou daimistas por lá... e os viu sempre cantando em português. O Daime funciona nesses contextos como uma espécie de embaixador da língua portuguesa fora do Brasil?

**Maria Betânia:** Sim. O Daime realiza uma síntese cultural incrível, que é o fato de que quando ele sai da Amazônia para outros lugares do mundo ele leva consigo a língua portuguesa. E aí, da mesma forma como a gente, muitas vezes, é obrigado a aprender a língua inglesa, por exemplo, para fazer um mestrado ou um doutorado (afinal você precisa de uma língua externa à sua), no outro lado do mundo se você quiser tomar o Daime você tem que aprender o português. Então, essa interculturalidade que o Daime promove é interessante. Você visita as igrejas na Holanda, por exemplo, e eles tão cantando os hinos em português e falam com você em português. Não é um português perfeito, claro, mas eles entendem e dizem o quanto é incrível você [às vezes] não entender a língua, mas entender o sentido da mensagem. “Eu não entendo nada da língua de vocês, mas eu entendo o que aquele hino quer dizer”. Isso evidencia um tipo de aprendizagem que o Daime promove (a aprendizagens da língua portuguesa). A aprendizagem não é só de ordem intelectual, ela também é da sensibilidade, da corporeidade. Então, pelo corpo, pelo sentimento, a pessoa compreende a mensagem. Não apenas pela dimensão mental e cognitiva... é muito interessante você estar do outro lado do mundo e ver aquelas pessoas falando em português. Quando você visita a casa de um fardado na Holanda – como eu visitei – você



se depara com dicionários da língua portuguesa nas estantes, como um livro importante na estante daquela pessoa, porque eles estudam os hinos e se aqui ou acolá não se entende uma palavra, vai lá no dicionário e olha. A gente não tem um dicionário de inglês em casa? Eles têm o dicionário da língua portuguesa e isso é o Daime que promove. Ele leva também o valor da floresta amazônica para fora. As pessoas acabam, nessa comunhão com o Daime, desenvolvendo também esse sentido de amor pela natureza. E é incrível porque quando eu cheguei para tomar o Daime na Holanda, primeiro eu fiquei surpresa de ver a igreja que é como uma igreja católica, fechada! Nós estamos acostumados aqui na Amazônia com as igrejas abertas, na natureza. Quando eu entrei naquela igreja eu fiquei um pouco assustada. Eu pensei: “meu Deus, eu vou passar mal aqui dentro, eu não vou conseguir”. Porque eu ficava imaginando que se eu passasse mal não haveria para onde correr (risos). Nas igrejas abertas, se você passa mal você já sabe que basta você virar pro lado e fazer a limpeza ali que está tudo certo, tudo tranquilo. Quando eu vi aquela estrutura geográfica, aquela arquitetura, eu fiquei assustada [risos]... Entretanto, quando o ritual começa é como se você esquecesse aquelas paredes, esquecesse aquela construção e se reportasse naturalmente à floresta, para aquilo que o Daime está dizendo nos hinos. A arquitetura, a geografia, tudo aquilo se perde, não têm mais sentido algum. Isso eu achei incrível. Estar em um contexto tão diverso do nosso (a Amazônia), mas ao mesmo tempo sentir a Amazônia lá! Então, o Daime também leva esse sentimento de ser amazônida para fora da Amazônia, fazendo, como eu disse, uma interessante síntese cultural. Daí tratar-se de uma pedagogia intercultural.

**Diego Omar e Pasquale Figueiredo:** Para gente finalizar, queríamos que você dissesse o quê que você acha que o Daime têm a oferecer nesse panorama tão amplo de religiões que conhecemos? Sobretudo no caso das religiões contra-hegemônicas. Não só para os seus adeptos, mas para o mundo. Como o Daime se soma a esse panorama mais amplo de diversificação religiosa, na luta por reconhecimento e respeito a todas as tradições?

**Maria Betânia:** Olha, existe um ditado que diz assim: “o Daime é para todos, mas nem todos são para o Daime”. Eu, por exemplo, me considero espírita. Frequento um Centro, estudo a literatura espírita, frequento os congressos espíritas, enfim, intelectualmente eu absorvo esse saber para a minha vida, até como um remédio. Para mim o Evangelho kardecista é um remédio para o dia-a-dia, para tudo na vida. Mas o que eu entendo lá no



Evangelho sobre o espiritismo, sobre o amor, a caridade, eu entendo intelectualmente. Já quando eu estou no Daime é como se eu tivesse tomado uma dose de amor, de paz, uma dose de alegria. Então, no espiritismo eu entendo, intelectualmente, que eu tenho de ser alegre, que eu preciso ter amor pelos irmãos, que eu devo ser caridosa. Mas quando eu tomo o Daime, eu tenho a possibilidade de me tornar essa pessoa. Eu sinto em mim a vontade de amar as pessoas, de abraçar as pessoas, de pedir perdão para os meus desafetos por ventura... eu saio de lá querendo ligar para minha mãe, para os parentes... Então, aquilo que intelectualmente você lê nos livros, ouve na missa ou escuta em alguma outra religião, como na pregação de um pastor, se torna concreto quando você toma um copo da bebida. Isso tudo está dentro da bebida! Você ingere e fica dentro de você. E isso para mim é um diferencial da religião. Em parte, porque como o Daime contém muita serotonina e a vida é tão pesada, com tantos conflitos, tantas disputas, quando você toma a bebida ela traz essa dose de alegria, de calma e leveza necessárias para encarar o mundo lá fora. Quando a gente acha que a vida lá fora está muito pesada é o momento de voltar e tomar mais pouquinho e assim o Daime atua como um remédio, uma medicina da floresta que o Mestre Irineu deixou para nós, a partir da tradição indígena, que está aí disponível para aqueles que quiserem. Agora, é claro, não é para todos! É para aqueles que se identificam, afinal você pode encontrar paz e alegria em outros lugares e de várias outras formas, pois todas as religiões têm sempre algo a ensinar e todas aspiram a possibilidade de um mundo melhor.

### **Livros publicados pela entrevistada:**

KAHMANN, Ana Paula; ALBUQUERQUE, Maria Betânia B.; SILVEIRA, Éder da Silva (org.). **Santo Daime e Educação: Narrativas, diálogos, experiências**, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2018.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia; FARES, J. A.; CARVALHO, N. C.; SILVA, M. G. (org.). **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais**. Belém: EDUEPA, 2016.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **De l'Ayahuasca au Santo Daime**. Paris, France: Editions Conjonction, 2016.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **Beberagens indígenas e educação não escolar no Brasil colonial**. Belém: FCPTN, 2012.



ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **Epistemologia e Saberes da Ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **Padrinho Sebastião**: máximas de um filósofo da floresta. Belém: EDUEPA, 2009.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. **ABC do Santo Daime**. Belém: EDUEPA, 2007.

### Artigos publicados:

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Pedagogia da Ayahuasca: Por uma decolonização epistêmica do saber”. **Archivos analíticos de políticas educativas**. Arizona, EUA, 2018.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. Plantas Professoras: Dimensões Psíquicas, Históricas e Educativas. In: **Amazônica**: Revista de Antropologia. Belém: UFPA, v. 9, 2017. pp. 258-292.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia; BARBOSA, R. G.. “A religião como educação”. In: **Revista de Educação**. Campinas: PUC-Campinas, v. 21, 2016. pp. 127-137.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Beber Cauim, lembrar e aprender entre os Tupinambá do Brasil Colonial”. In: **Teias**. Rio de Janeiro: UERJ, v. 15, 2016. pp. 45-61.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “O consumo indígena do cauim no Brasil colonial: contribuições a uma história não escolar da educação”. In: **Revista Mexicana de Historia de la Educación**. México: Sociedad Mexicana de Historia de la Educación, v. III, 2015. pp. 233-256.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Narrativas orais sobre religiosidade e saberes escolares no município de Colares (PA)”. In: **Revista História Oral**. São Paulo: ABHO, v. 18, 2015. pp. 179-206.

SILVEIRA, D.; ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Práticas de cura, magia, educação e saberes sobre plantas poderosas na Amazônia”. In: **Revista Cocar**. Belém: UEPA, v. 9, 2015. pp. 255-284.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Epistemologia da ayahuasca e a dissolução das fronteiras entre homem/animal e natureza/cultura da ciência moderna”. In: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia: PUC-GO, v. 24, 2014. pp. 01-23.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “A mística das plantas, bebidas e alimentos no Brasil Colonial”. In: **Fenix**: Revista de História e Estudos Culturais. Uberlândia: UFU, v. 11, 2014. p. 01-21.



ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Psicoativos e saberes religiosos: reflexões sobre um campo de estudos”. In: **Plura, Revista de Estudos de Religião**. Juiz de Fora: ABHR, v. 5, 2014. pp. 69-89.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Saberes da ayahuasca e processos educativos na religião do Santo Daime”. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. Colômbia: Universidad de Manizales y Cinde, v. 1, 2012. pp. 509-523.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Modalidades de usos e saberes do cipó Cabi”. In: **Saeculum**. Maceió: UFPB, v. 27, 2012. pp. 195-213.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Beberagens Tupinambá e processos educativos no Brasil colonial”. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: UFMG, v. 27, 2011. pp. 14-44.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “A religião como educação: os saberes da ayahuasca no Santo Daime”. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá: ANPUH, v. X, 2011. pp. 149-173.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. “Práticas de alimentação e beberagens no Brasil Colonial: contribuições a uma história não escolar da educação”. In: **Emblemas**. Catalão: UFG., v. 7, 2010. pp. 15-30.

*Recebida em 29 de outubro de 2017*

*Aprovada em 21 de novembro de 2017*